

Na Ponta do Lápis

ano XI – número 26
julho de 2015



Práticas de escrita: da cultura local à sala de aula

Professores inovam o ensino da leitura e da escrita
levando para dentro da escola a diversidade da língua e da cultura.

Na Ponta do Lápis

ano XI • número 26 • julho de 2015

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária – CENPEC

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Coordenação
Sônia Madi

Texto e edição
Luiz Henrique Gurgel
Maria Aparecida Laginestra
Regina Andrade Clara

Revisão
Rosania Mazzuchelli
e Mineo Takatama

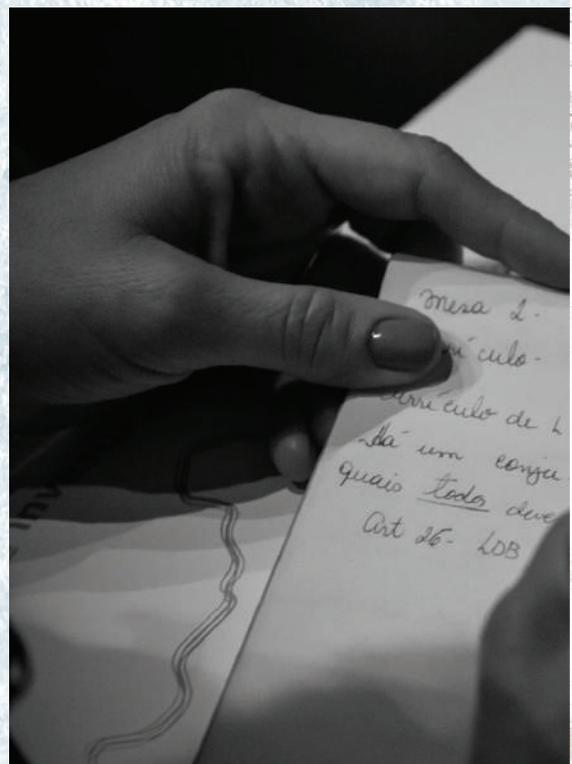
Edição de arte
Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações
Criss de Paulo

Editoração
AGWM Editora e Produções Editoriais

Tiragem
240.000 exemplares
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Contato com a redação
Rua Minas Gerais, 228 – São Paulo – SP
CEP 01244-010
Telefone: 0800-7719310
e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br
www.escrevendoofuturo.org.br



INICIATIVA



Ministério da
Educação



(...) cabe à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica.

Roxane Rojo. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 12.

editorial 4

Letramento da cultura local invade a sala de aula

entrevista 6

Antonio Prata
"Uma das graças de escrever é ver onde aquilo vai dar"

reportagem 12

Uma comunidade de aprendizagem

especial 18

Foram muitos os caminhos da escrita...

página literária 26

Milton Hatoum
Catadores de tralhas e sonhos

de olho na prática 28

Curta-poesias

óculos de leitura 34

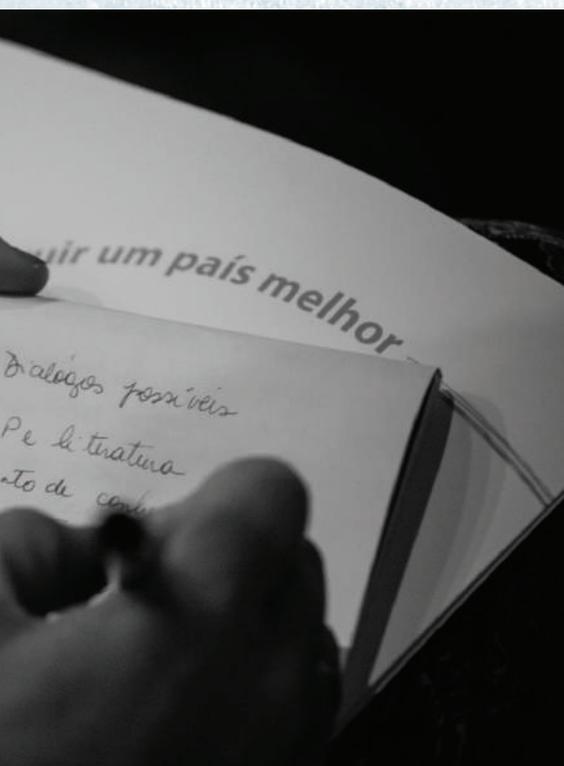
Os caminhos e descaminhos da leitura literária em uma escola de Ensino Fundamental

tirando de letra 40

Um passado cheio de novidades

indicações 42

Para quem busca novidades para ler, ouvir, ver, falar, pensar e sonhar



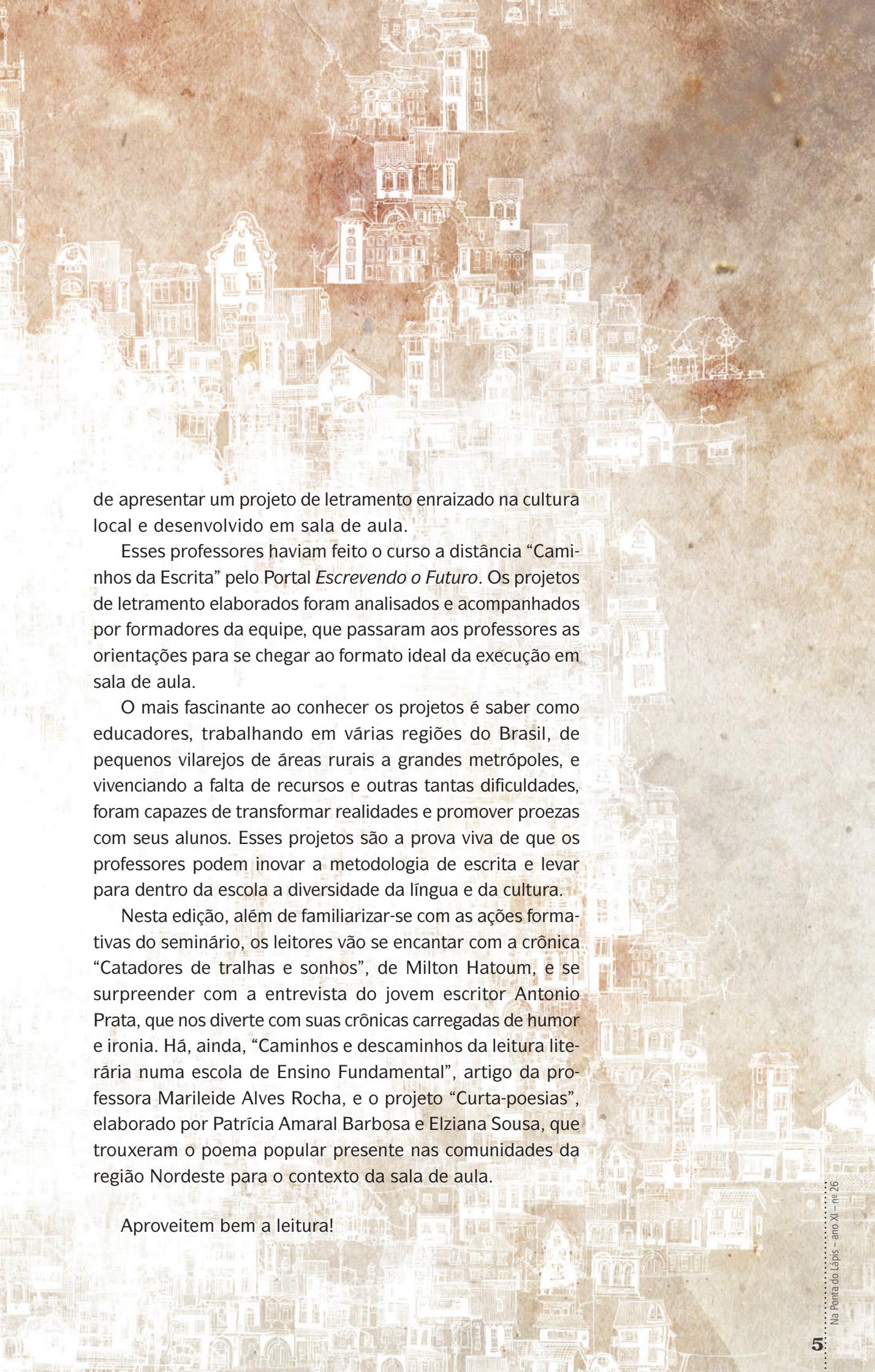
Letramento da cultura local invade a sala de aula

Foram dois dias muito especiais e intensos. Profissionais da educação, especialistas de universidades, mediadores dos cursos *on-line* da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, além de técnicos de secretarias de Educação e especialistas em língua portuguesa de todos os Estados brasileiros, participaram do terceiro Seminário Internacional *Escrevendo o Futuro* – “Práticas de escrita: da cultura local à sala de aula” –, que destacou, mais uma vez, o protagonismo de professores das escolas públicas de todo o país, os principais responsáveis por transmitir o que nos distingue e nos identifica perante o mundo: a língua que falamos.

Uma das grandes marcas do Programa *Escrevendo o Futuro*, desde sua origem, é incentivar e colaborar para que professores de língua portuguesa tornem-se cada vez mais criadores e condutores de seus próprios projetos de ensino da escrita. Para ampliar essa reflexão, o professor Joaquim Dolz, da Universidade de Genebra, na Suíça, um dos mais renomados pesquisadores na área do ensino de língua da atualidade, abriu o seminário com a palestra “Os cinco grandes desafios do ensino da língua portuguesa”.

Os educadores convidados incorporaram o pesquisador que existe neles – algo que deve ser parte integrante e essencial de quem abraçou a carreira docente – e lançaram-se ao desafio de experimentar novas práticas, de buscar dentro da sua realidade e da de seus alunos aquilo que é significativo para desenvolver o ensino e a aprendizagem.

Foram 24 professores selecionados entre cerca de 600 que receberam convite para participar do seminário a fim



de apresentar um projeto de letramento enraizado na cultura local e desenvolvido em sala de aula.

Esses professores haviam feito o curso a distância “Caminhos da Escrita” pelo Portal *Escrevendo o Futuro*. Os projetos de letramento elaborados foram analisados e acompanhados por formadores da equipe, que passaram aos professores as orientações para se chegar ao formato ideal da execução em sala de aula.

O mais fascinante ao conhecer os projetos é saber como educadores, trabalhando em várias regiões do Brasil, de pequenos vilarejos de áreas rurais a grandes metrópoles, e vivenciando a falta de recursos e outras tantas dificuldades, foram capazes de transformar realidades e promover proezas com seus alunos. Esses projetos são a prova viva de que os professores podem inovar a metodologia de escrita e levar para dentro da escola a diversidade da língua e da cultura.

Nesta edição, além de familiarizar-se com as ações formativas do seminário, os leitores vão se encantar com a crônica “Catadores de tralhas e sonhos”, de Milton Hatoum, e se surpreender com a entrevista do jovem escritor Antonio Prata, que nos diverte com suas crônicas carregadas de humor e ironia. Há, ainda, “Caminhos e descaminhos da leitura literária numa escola de Ensino Fundamental”, artigo da professora Marileide Alves Rocha, e o projeto “Curta-poesias”, elaborado por Patrícia Amaral Barbosa e Elziana Sousa, que trouxeram o poema popular presente nas comunidades da região Nordeste para o contexto da sala de aula.

Aproveitem bem a leitura!

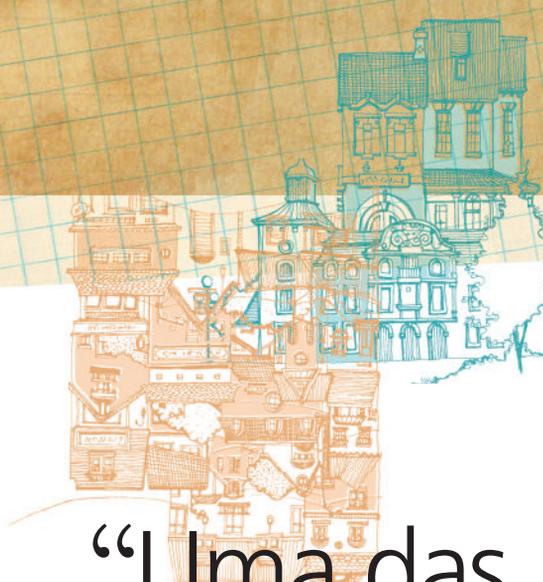
Antonio
Prata

■ Sempre começamos querendo saber a história do entrevistado como leitor. Quais foram seus primeiros contatos com esse mundo da leitura e da escrita? Como foi fisgado?

A minha casa sempre teve livros e hoje está provado por pesquisas que filhos de leitores se tornam leitores. A minha primeira experiência com livros foi fazer rampa para carrinhos. Tinha enciclopédia na nossa infância, a *Mirador*, uns vinte tomos, que eram quase como blocos de montar, fazia pistas de carrinho, pontes e com os livros mais finos eu resolvia as arestas. Lidar com o objeto dessa maneira foi uma introdução à literatura. Depois, tem as histórias contadas pelos pais: minha mãe sabia histórias de cabeça, da infância dela; e livros infantis: Ruth Rocha, Lygia Bojunga, Stella Carr. Também estudei em escolas que incentivavam muito a leitura, e isso foi muito importante. No ginásio a gente lia muita poesia, Drummond, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa. Havia uma coisa muito legal, que parece meio careta falando, que era um concurso de declamação de poema, escolhíamos uma poesia e encenávamos. Podia ser qualquer coisa: “Pamonhas de Piracicaba”, Hino Nacional e Augusto dos Anjos. Isso nos trazia para perto do universo da poesia, que às vezes é um pouco distante do adolescente.

■ Hoje é reclamação comum entre os professores: “Essa meninada não quer ler”. Com tantos atrativos concorrendo com o livro, como o ambiente da escola pode causar aos jovens o mesmo impacto que causou em você?

Da primeira à quarta série tinha uma aula de leitura – acho que todo dia ou três vezes por semana – em que a professora lia uma história pra gente. Era uma das aulas mais legais porque ela lia muito bem e romances grandes, de duzentas páginas, um



“Uma das graças de escrever é ver onde aquilo vai dar”

É com esse espírito de liberdade que o jovem escritor Antonio Prata encanta, diverte e surpreende os leitores do jornal *Folha de S. Paulo* com suas crônicas dominicais carregadas de humor e ironia. Ele pôs pés e mãos na profissão aos 20 anos, escrevendo numa revista para meninas adolescentes. E foi justamente na adolescência que teve a certeza de que queria ser escritor. Entre os livros que publicou, destaque para as crônicas de *Meio intelectual, meio de esquerda* e para *Nu, de botas*, em que o autor reencontra o ponto de vista do menino para rememorar as mais curiosas descobertas da infância. Prata também é roteirista, participou da novela *Avenida Brasil*, de João Emanuel Carneiro. Nessa conversa – como não podia deixar de ser – o principal assunto foi o ato de escrever.

Luiz Henrique Gurgel



Foto Verônica Manevy

pouquinho a cada dia. Ficavam lá 30, 25... sei lá quantas... crianças quietas durante 40 minutos ouvindo um adulto ler uma história. Às vezes ela parava o livro, explicava um pouco e dava alguns parâmetros para entendermos a história. Era maravilhoso.

Desde pequeno ouço esse discurso: “Ah, as crianças só querem ficar filosofando na praça, não querem mais ler em casa”. Já tinha televisão, *videogame*, mas no meu caso isso nunca foi uma concorrência, um não era inimigo do outro. Na televisão, tinha *Tom & Jerry* e Monteiro Lobato, as duas coisas eram projetos de diversão, não concorriam. Eu queria ler *Caçadas de Pedrinho* para conhecer a história de um menino da minha idade que vai atrás de uma onça, ele vai fazer bombas de cera cheias de marimbondo ou de abelhas – não lembro mais como é que era –, pernas de pau e lá de cima das pernas de pau ele vai jogar essas bombas que vão estourar para expulsar as onças. Isso é muito legal em 1978, 1984, 1995, 2030... A história da onça e da perna de pau

era atrativa para mim porque eu entendia que tinha uma onça e uma perna de pau, eu conhecia aquelas palavras. Para um garoto que não é alfabetizado ou que é medianamente alfabetizado, ele não entende. Aí, imagino que seja ultradifícil.

■ **No livro *Nu, de botas* você conta uma experiência engraçada quando seu padrasto e sua mãe leem *Romeu e Julieta* para você e suas irmãs quando eram crianças. Como foi isso?**

Eu tinha uns seis anos. Era uma viagem de férias na praia, eles alugaram uma casa de pescador e levaram um monte de livros infantis que liam a cada noite. Um dia estávamos muito entediados e não queríamos saber das nossas histórias, nem de brincar na praia, e começamos a perguntar o que eles estavam lendo. Meu padrasto começou a contar a história, mais do que ler, porque éramos muito pequenos. E começamos a nos interessar muito. Todo dia na praia, ao invés de contar história de criança, eles contavam

“Quanto mais você escreve, mais vai sacando qual a melhor maneira de dizer o que quer dizer, qual a mais engraçada, como arma essa frase para ter o máximo de humor, como retarda uma informação para criar suspense.”

um pouquinho do *Romeu e Julieta* traduzido para criança. Foi chegando o fim do livro, perto do fim das férias, e eles foram percebendo a encrenca em que tinham se metido, porque não é o final mais Disney que você já viu na vida, não é? E aí tiveram uma crise: contar a verdade ou mentir e dizer que eles viveram felizes para sempre. Convictos dos ideais deles, contaram a verdade e foi uma tragédia! A gente urrou, rolou pelo chão, pela areia, gritava, e eles tentando consertar, falando que era só uma história, que era mentirinha, e uma coisa mais idiota ainda: que as famílias nunca mais brigaram. Como se nossos amigos de férias tivessem um enfiado uma faca no peito e outro tomado veneno. Foi horrível. Foi uma coisa meio traumática...

■ **Como é seu processo de criação? Como nasce uma crônica? Você anda com caderninho no bolso ou grava no celular alguma ideia, uma cena? O que costuma motivar você?**

Não era do tipo que anda com caderninho, até o dia em que todo mundo passou a andar com caderninho, o celular. Antes, se eu tinha uma ideia, anotava no guardanapo, num papel e tal. Hoje, uso aquele bloquinho de anotações do celular, mas, para crônica, não sou um grande entusiasta dessa ideia. Acho que crônica é uma espécie de lupa que você coloca em um assunto. E qualquer assunto que você olhar com uma lupa é interessante. Se olhar este gravador, este caderno, esta caneta e imaginar alguma coisa a respeito e começar a analisar esse tema, você vai achar coisas engraçadas, interessantes ou melancólicas. Então, mais importante que a ideia que você tem é ter tempo de trabalhar. Se tenho uma ideia que acho empolgante, mas tenho duas horas para fazer a crônica, vai sair ruim o texto. Porém, uma ideia que não sei se é muito boa, mas tenho dois dias, consigo ir puxando esse fio para ver aonde ele leva. A crônica é um exer-

cício livre de escrita. Você não precisa de uma história. Uma das graças de escrever é ver onde aquilo vai dar. Hoje, por exemplo, estou começando a escrever a crônica de domingo. Não sabia sobre o que escrever e fiquei pensando... Fui ler um pouco de Rubem Braga. Daí encontrei: aluguei uma sala comercial em cima de uma *pet shop*, do lado da escola da Olívia, minha filha, porque está inviável trabalhar em casa com as duas crianças. Estou escrevendo sobre a *pet shop*, que é uma loja onde não tem nada que eu possa comprar – nada; é uma coisa muito frustrante. Não tenho bicho; então, nada me interessa, e todo dia estou vendo aquele monte de embalagens coloridas, dou uma olhadinha e lembro que é uma *pet shop*. Qualquer loja em que entro, mesmo que eu não vá comprar nada, fico olhando. Loja de canos, fico olhando os canos: “Ó, que cano legal”, “Que cano enorme”, “Eu compraria esse cano”... A crônica é um pouco sobre o *voyeurismo* do consumo.

Muitas vezes também a crônica não nasce de algo vivido; às vezes eu crio uma situação, um encontro com uma pessoa, um vizinho. A crônica não é um relato fiel, a situação que eu estou dizendo que aconteceu, muitas vezes não aconteceu, é ficção.

■ **Quando se descobriu cronista?**

Acho que isso foi uma contingência profissional. Eu sabia que queria ser escritor desde a adolescência, e a crônica é uma maneira de você ganhar dinheiro com literatura, uma das poucas maneiras. Comecei a escrever para alguns lugares e aí começaram a me pedir crônicas. Quer dizer, começaram a aparecer espaços para escrever crônica. Então, não foi uma decisão, não era nem uma aptidão minha. Quando comecei a escrever crônicas, nunca tinha lido Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, os grandes cronistas. Tinha lido muito Luis Fernando Verissimo, Murilo Fernandes, Fernando Sabino...



Foto Verônica Maney

Escrevi durante oito anos quinzenalmente em uma revista para meninas, com temas da minha adolescência, da adolescência delas. Desde os meus 20 anos escrevo uma crônica por semana, sem interrupção. Isso foi muito bom para mim, não só como cronista, mas em todos os gêneros.

■ Essa jornada possibilitou que você criasse técnicas para escrever?

Quanto mais você escreve, mais vai sacando qual a melhor maneira de dizer o que quer dizer, qual a mais engraçada, como arma essa frase para ter o máximo de humor, como retarda uma informação para criar suspense. São coisas que vai aprendendo com a lida. Quer dizer, sempre que mando uma crônica, tenho certeza que poderia trabalhar mais dois dias nela e que ela ficaria melhor. Crônica é assim, faz parte do gênero, isso é o lado ruim. O lado bom é que você está escrevendo, escrevendo, escrevendo... Essa prática ajuda bastante.

■ E você revisa muito?

Nem sei o que é revisar porque a escrita é revisar. Escrever é reescrever o tempo inteiro. Quando eu vejo um escritor falando, geralmente todo orgulhoso: “Reescrevi meu livro sete vezes”. Eu falo: “Como ele sabe quando acaba uma versão e começa a outra?”. Porque você está sempre escrevendo e mexendo. Ainda mais com computador, você está o tempo inteiro recortando e colando, mexendo, mexendo. Depois imprimo e fico relendo, relendo, e aí leio em voz alta e escrevo de novo; uma coisa que soava bem ontem não soa bem hoje. Impressionante que erros passam; você lê vinte vezes a coisa e passam erros bizarros. É impressionante.

■ Entre as principais características de suas crônicas estão o humor, a ironia, a autoironia. Isso tem que estar presente nesse gênero de texto?

É uma pergunta complexa. Das minhas aptidões, acho que o humor é mais que uma

“Crônica é uma espécie de lupa que você coloca em um assunto.”

**“Nem sei o que é revisar porque a escrita é revisar.
Escrever é reescrever o tempo inteiro.”**

escolha estética. É um traço de caráter. Você é assim, não é uma coisa que escolhe. Acho que também a melancolia e o humor andam muito bem juntos. O Rubem Braga é um exemplo disso. Acho que um tempera o outro. Se faz um texto dramático ou melancólico sem nenhuma ponta de humor, ele fica chato. Veja Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, talvez a coisa mais pessimista que já foi escrita, e é um livro de humor. A crônica é um gênero de entretenimento, ao contrário da poesia ou do romance, que podem ser escritos para poucos leitores, e é muito bom que isso seja assim – o autor pode ir para onde quiser, pode ser obscuro, muito erudito, e exigir que o leitor tenha muitas referências. Você não pode ser James Joyce em um jornal, entendeu? Porque, se você for James Joyce em um jornal, ninguém vai entender o que você está escrevendo, e você está sendo pago para que as pessoas entendam e se divirtam.

■ Você citou Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, mas você tem outros autores que estão na sua cabeça?

Ah, tem vários, mas eles mudam sempre. Tem um que chama Walter Campos de Carvalho, não é muito conhecido, é um mineiro de quem gosto muito, li na adolescência e releio até hoje; o próprio Machado de Assis. Mais que Machado de Assis, o *Memórias póstumas* é um livro que eu leio acho que todo ano e me anima e me deprime, porque eu falo: “É isso que eu gostaria de fazer um dia”, e falo: “Olha só como eu não estou fazendo”. Tem um cara que eu não tenho lido muito ultimamente, mas foi muito importante durante muitos anos, que foi o Julio Cortázar; tem outro também que li bastante nos últimos anos, um americano chamado Kurt Vonnegut, que é um cara de ficção científica e humor, muito interessante. Gosto muito do David Sedaris. Ele escreve sobre infância e juventude, lê os

textos no programas de rádio, é hilário. Foi referência quando escrevi *Nu, de botas*. Na crônica tem o Rubem Braga, que acho imbatível e para quem volto sempre, até como recurso psicotrópico para escrever. Assim, se eu não estou sabendo escrever, eu vou lá ver como é que ele fazia, como ele fez, vou dar um “bizoada” nele, ver se eu consigo roubar um pouquinho, nem que seja do clima.

■ Você leu textos de estudantes que participaram da edição de 2014 da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Você pode nos contar sua impressão geral sobre os textos. Que recado daria para os professores desses alunos?

Fiquei bem e mal impressionado por aqueles textos. Bem, porque eram muito bem escritos do ponto de vista formal. Aquelas pessoas sabem escrever, sabem fazer uma redação de vestibular, estão inseridos na cultura escrita. Estão alfabetizadas no sentido funcional da linguagem. O que me assombrou é que não vi a voz daqueles alunos ali. Vi a voz de textos ancestrais; vi mais a voz do Olavo Bilac naqueles textos parnasianos que a voz desses alunos. Eles não sabem que a literatura serve para falar sobre a gente e para a gente. Quer dizer, Machado de Assis só faz sentido porque você lê aqueles personagens escritos no final do século XIX e você fala: “É o meu vizinho”, “É o meu cunhado”, “Sou eu, isso aqui sou eu” – você se reconhece. Um clássico não é um livro onde as pessoas falam difícil. É um livro onde um cara conseguiu escrever na Irlanda do século XVII um livro sobre a sua tia, entendeu? E, quando você vai escrever, a literatura serve pra gente expressar a nossa vida. O tema das crônicas era “O lugar onde vivo” e ninguém falou do quarto, ninguém falou da casa. As pessoas falavam assim: “As glórias de Santarém”; “O passado glorioso de Santa Cruz da Venerada”. Era uma coisa muito laudatória, aos heróis... E isso é





Fotos Verônica Maney

um problema grave porque essa criança não vai se interessar pela literatura; pelo contrário, ela está fazendo um esforço hercúleo para escrever uma coisa em uma linguagem que acha que é uma linguagem respeitada, mas ela não vai achar divertida a literatura. Ela vai falar: “A literatura é uma coisa chata que eu tenho que aprender a fazer para imi-

tar alguns escritores que minha professora me mostrou”. O desafio é aproximar a literatura desses garotos. Lembro-me de um texto, era a história de um garoto que estava feliz porque ganhou um relógio. Ele entrou no mar e quebrou o relógio. É a vida dele ali no miúdo, isso é fantástico. A literatura que eles fazem tem de ser sobre eles.

twitter oral



Uma pergunta ou um mote para Antonio Prata responder em poucas palavras.

Eu não tenho esse contador de caracteres no meu cérebro, tá?

Se não fosse meio intelectual, meio de esquerda... Seria meio de campo, meio milionário.

O sonho que não acabou... Qualquer coisa com sonho de padaria é muito infame, não é? Fica essa mesmo: qualquer coisa com sonho de padaria é muito infame.

Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos. Rubem Braga.

A crônica que não escreveu e que está buscando. A que eu narro em tempo real a minha própria morte. Mas eu não tô buscando.

Uma comunidade de aprendizagem

Foram dois dias de muita conversa, troca de experiências e palestras de importantes especialistas. O que mais impressionou foi conhecer o trabalho que professoras e professores estão realizando nas salas de aula com seus alunos. O professor Joaquim Dolz afirmou que tinha vindo para falar de desafios no ensino da língua portuguesa, mas, depois de dois dias, disse que estava era aprendendo com os professores.

Luiz Henrique Gurgel



Foto: Renata Armelin

Professor Joaquim Dolz.

No encerramento do Seminário Internacional *Escrevendo o Futuro*, que se realizou em São Paulo nos dias 22 e 23 de junho, Joaquim Dolz, da Universidade de Genebra, na Suíça, um dos mais renomados pesquisadores sobre o ensino de língua da atualidade e convidado especial do encontro, surpreendeu a todos com uma declaração. Ele havia acabado de assistir à apresentação de Maria Verúcia de Souza, professora de Brasília, que falou do projeto desenvolvido em sua escola, onde estudantes de 8 anos aprenderam a se comunicar por carta com estudantes da mesma idade de Cabo Verde, país de língua portuguesa localizado na costa da África. Dolz ficou impressionado com o relato de Verúcia apresentando cada uma das fases do trabalho e não escondeu o entusiasmo quando ela comparou a primeira carta escrita por um dos alunos dela, no início do projeto, com a última versão feita dois meses depois: “Esse menino de 8 anos, de Brasília, está escrevendo como um da mesma idade de uma escola para meninos da Suíça”.

Essas e outras surpresas encantaram participantes do seminário, que teve por tema “Práticas de escrita: da cultura local à sala de aula”, encontro que reuniu 400 educadores de todos os Estados brasileiros, entre professores de língua portuguesa de escolas públicas, especialistas de universidades, mediadores dos cursos a distância da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* e técnicos de secretarias de Educação.

O professor Dolz abriu o encontro na manhã de segunda-feira com a conferência “Cinco grandes desafios do ensino da língua portuguesa”, respondendo em seguida a perguntas dos participantes e de internautas que puderam vê-lo ao vivo pela transmissão do Portal *Escrevendo o Futuro*.

O pesquisador destacou a importância do trabalho com os gêneros textuais, como objetos integradores para o ensino da língua e das sequências didáticas, como as principais iniciativas para desenvolvê-lo. Para ele, os novos desafios para o ensino da língua portuguesa se referem ao trabalho com texto/gênero; à forma de avaliar as produções e de trabalhar a textualidade; e, por fim, às

intervenções dos professores para aprimorar a escrita.

Pensando os gêneros textuais como unidades de trabalho, Dolz afirmou ser fundamental partir das práticas de linguagem com projetos motivadores que façam sentido para os alunos, pois estão próximos de suas referências e realidades. Ao escolher um gênero de texto e dar início ao trabalho por meio de uma sequência didática, o professor deve ter o cuidado de tomar o texto como unidade de ensino, evitando análise de frases ou trechos descontextualizados. É a unidade completa que dá forma e sentido ao texto e à sua compreensão. Também é importante trabalhar com a diversidade textual. A aprendizagem se dá em cada gênero, que é próprio a cada situação de comunicação.

Outro aspecto destacado pelo pesquisador é o de sempre articular escrita com leitura e com oralidade, sem isolar as habilidades. “Não há escrita sem leitura e textualidade sem oralidade”, afirmou. Todo o processo exige uma sequência organizada em que “as primeiras aprendizagens condicionam as posteriores”, sempre levando em conta as capacidades iniciais dos alunos, suas realidades e referências.

Dolz enfatizou ainda que é preciso dar tempo para a aprendizagem, pois “progressos não são sempre imediatos”. Por isso, insistiu ser preciso trabalhar passo a passo, intensivamente, sem realizar exercícios isolados e não articulados à escrita de um gênero. “O texto final é menos importante que o processo e as aprendizagens, e jamais se deve confundir avaliação com ensino. É importante que se permita ao aluno observar seus progressos. Escrever aprende-se escrevendo, e não existe escrita sem erros”, justificou.

A revisão do texto pelo próprio aluno é parte fundamental desse processo. Daí a necessidade de incentivar a autonomia do estudante, fazendo com que se perceba responsável pelo próprio texto. Para ele, todo esse trabalho também acaba por apoiar a criatividade, por isso deve-se evitar os riscos de “dogmatização e rotina na escrita”, oferecendo vários modelos de textos de um mesmo gênero, de diversos autores.

■ A importância dos gestos didáticos do professor e o que deve prevalecer no currículo

Na manhã do dia seguinte foram realizadas mais duas mesas de discussão. A primeira teve por tema “Por uma aula interativa de leitura: os gestos do professor em foco”. Mediada pela professora Margarete Schlatter, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, reuniu as professoras Carla Messias Ribeiro da Silva, da Universidade de Genebra, e a professora Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin, da Universidade Federal do Ceará.

Aspecto nem sempre devidamente reconhecido quando se pensa em aprendizagem, os gestos do professor, segundo Carla e Eulália, são instrumentos fundamentais para a qualidade e sedimentação do que é ensinado. São considerados gestos didáticos do professor as formas pelas quais ele leva em consideração a matéria e os objetos de ensino, é o modo como distribui os trabalhos aos alunos e a maneira como os avalia; como utiliza os materiais didáticos e como mantém a disciplina. São aqueles elementos identificados pelos estudantes e que dão sentido às atividades.

Um grupo de pesquisas sobre o tema na Universidade de Genebra, coordenado por Joaquim Dolz, que teve a participação das duas professoras, chegou a cinco gestos didáticos fundamentais: o que “cria dispositivos didáticos”, quando o professor trabalha construindo ações e suportes para realizar as atividades escolares; o da “presentificação e da elementarização do saber”, que permite a focalização da atenção do aluno; o da “memória didática”, gesto importante, pois recordar o trabalho antecedente e antecipar o trabalho futuro ajuda a articular as diferentes atividades; o da “regulação dos aprendizes”, gesto de interação com os alunos pelo diálogo para tratar e superar seus obstáculos e suas dificuldades; e o da “institucionalização” dos novos saberes, que consiste em fixar o saber elaborado coletivamente, ainda que de modo provisório.

A segunda exposição da manhã tratou de currículo e contou com a participação das professoras Luciene Juliano Simões, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que abordou especificamente as questões relacionadas ao currículo de língua portuguesa, e Paula Baptista Jorge Louzano, da Universidade de São Paulo, que mediou a conversa com o público após a palestra de Luciane. Antes da palestra, a professora Louzano falou da necessidade de haver certo grau de “normatização” no que se refere a planos e parâmetros que tratam de currículo.

Em sua apresentação, a professora Luciene destacou a necessidade de enfatizar o ensino e a aprendizagem de português centrados na enunciação e no uso da língua; afinal, declarou, o “objetivo principal da educação linguística na escola são os letramentos”. Para ela, todas as questões precisam estar claras e relacionadas à função social da escola. É esse vínculo, segundo Luciene, se dá pela aprendizagem de conhecimentos e de repertórios integrados ao “saber fazer” e ao “saber aprender”, daí a importância, dentro das atividades, do “ciclo uso-reflexão-uso”. “As práticas curriculares vão transformar os conceitos em situações vividas”, afirmou. Ela também destacou a importância de esse trabalho ter vínculo com o conhecimento herdado pela humanidade: “É preciso oferecer esse conhecimento”.

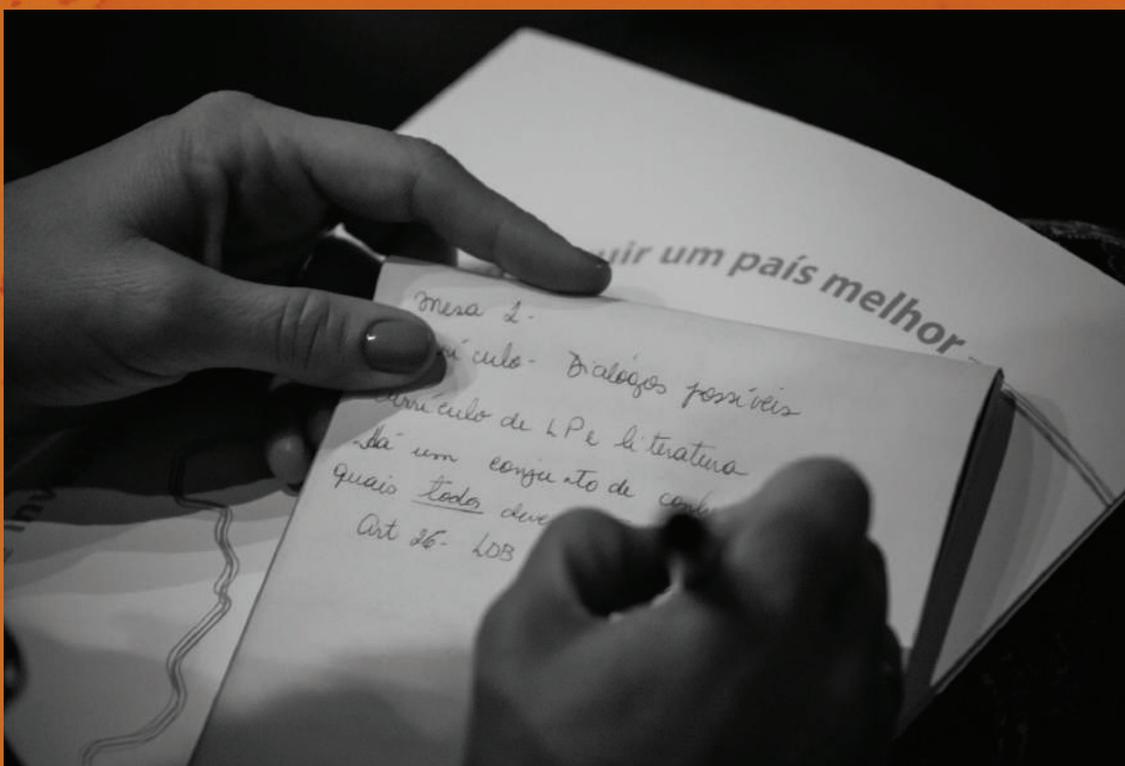
■ 600 professores de escolas públicas participaram da seleção para o seminário

Entre os momentos mais aguardados do seminário estavam as 24 apresentações de projetos – confira nas páginas 18 a 25, desta edição – realizadas por professores em salas de aula de todas as regiões do Brasil. Para quase todos os educadores foi a primeira vez que puderam expor em público para colegas, técnicos e especialistas um trabalho criado e realizado por eles, compartilhando experiências e respondendo a perguntas da plateia.

No começo de 2015, a organização do seminário convidou quase 600 professores para mostrarem projetos desenvolvidos em



Foto Renata Armelin



suas escolas, depois de terem feito o curso a distância “Caminhos da escrita”, criado pelo Portal *Escrevendo o Futuro* em 2014 e disponibilizado na internet (www.escrevendoo-futuro.org.br). No curso – que foi escolhido pelo Ministério da Educação para fazer parte do Guia de Tecnologias Educacionais – cada participante desenvolve um projeto de prática de letramento em sala de aula. O objetivo do convite era selecionar para o seminário alguns dos projetos desenvolvidos.

Durante quase três meses, duas formadoras do programa, Zoraide Faustinoni e Maria Paula Parisi, se incumbiram de contactar esses professores e conhecer seus projetos em detalhes. Por meio de dezenas de telefonemas e *e-mails*, elas se empenharam em avaliar as fundamentações de cada um deles, as propostas de ação ou os relatos de prática que deveriam demonstrar que o trabalho se inspirara na realidade local. Depois de tantas idas, vindas e reescritas dos projetos, foram selecionados os 24 participantes. “De maneira geral, o que chamou a atenção foi a grande diversidade de realidades locais contempladas e também o fato de muitos professores já estarem contando com recursos multimodais para o desenvolvimento e concretização de seus projetos”, afirmou Maria Paula Parisi.

■ Professor precisa de interlocutores

Mas, antes de virem a São Paulo participar do seminário, os professores que tiveram projetos selecionados receberam a visita de formadores da equipe da Olimpíada nas escolas em que trabalharam. Além de conhecer pessoalmente e conversar com o professor, os estudantes e a comunidade escolar, cada formador teve reuniões de trabalho com os professores para os últimos acertos antes da apresentação no seminário. “Os professores puderam ter ideia da consciência que se adquire ao se pensar, ao ser questionado e ao sistematizar a prática de ensino que desenvolveram”, afirmou Maria José Reginato, que fez a tutoria de um projeto em Pernambuco e outro em Minas Gerais.

As professoras Edna Leal e Neila Portela, de Maracás (BA), trabalharam em conjunto num projeto com textos de memórias literárias. Para elas, a visita do tutor, que foi conversar com os alunos sobre o trabalho, ajudou a perceber o quanto haviam evoluído durante o processo: “Nós havíamos crescido juntas e ficamos empolgadas em continuar o percurso, mesmo com as dificuldades em relação ao tempo, feriados, paralisações, outras atividades da escola... enfim, isso não se tornou obstáculo, e assim nos debruçamos com mais afinco, pois os achados da memória já haviam tomado conta do coração de cada um”, explicam as duas.

“Essa experiência comprova como é importante que o professor tenha um interlocutor”, afirma Sônia Madi, coordenadora do Programa *Escrevendo o Futuro*. Para ela, no Brasil, em geral, há uma “solidão do professor na escola, ele não tem ninguém que veja o seu trabalho, que observe, discuta e dialogue sobre o que está realizando”. Sônia reitera ainda que fica extremamente sensibilizada ao conhecer as realidades de trabalho da maioria desses professores que, com poucos recursos disponíveis e outras tantas dificuldades, conseguem realizar um trabalho transformador.

■ Dolz: “Eu aprendi escutando os professores”

A criatividade foi uma das coisas que mais empolgaram Joaquim Dolz. Para o pesquisador, o programa “cria um movimento impressionante de uma comunidade de aprendizagem com objetivos comuns, que é lutar pelo desenvolvimento do letramento. Isso é maravilhoso!”

Por fim, disse que veio ao seminário falar de desafios, mas acabou aprendendo com os professores: “Os resultados são evidentes nos textos de alunos, pelas transformações na escrita e também na mudança na maneira de trabalhar dos professores”. Joaquim Dolz chegou ao Brasil pensando que ia falar dos desafios do ensino da língua portuguesa. Mas, “depois de dois dias de trabalho, quero dizer que aprendi escutando os professores e mediadores”.



Foto Renata Almeida



Os conceitos

- ensino e aprendizagem de português centrados na enunciação / no uso da língua;
- objetivo principal da educação linguística na escola: letramentos;
- importância do ciclo uso – reflexão – uso;
- aprendizagem de conhecimentos e repertórios integrados a saber fazer e saber aprender;

Os conceitos

- ensino e aprendizagem de português centrados na enunciação / no uso da língua;
- objetivo principal da educação linguística na escola: letramentos;
- importância do ciclo uso – reflexão – uso;
- aprendizagem de conhecimentos e repertórios integrados a saber fazer e saber aprender;

Foram muitos os caminhos da escrita...

Queremos espalhar os 24 projetos de escrita apresentados no Seminário Internacional *Escrevendo o Futuro* e instigar outros educadores a construir seus próprios projetos em suas escolas.

São retratos contemporâneos do Brasil em múltiplas dimensões, inspirados no uso vivo da língua portuguesa, em toda a sua diversidade e variedade, tal como se apresenta em cada recanto do país, possibilitando que os alunos experimentem uma situação real e concreta de aprendizado da língua.

Para conhecer os projetos na íntegra, acesse <www.escrevendoofuturo.org.br>.

“O funk na sala de aula: quebrando paradigmas”

Profa. Rosilene Maria Nascimento – Belo Horizonte (MG)

Quando a professora Rosilene, de Belo Horizonte (MG), percebeu que seus alunos do 9º ano sabiam de cor muitas letras de funk, tratou logo de considerar esse gênero musical como um aliado para o trabalho em sala de aula, afastando-se assim do preconceito com que geralmente é visto pelas classes dominantes. A partir da leitura, da análise e da cantoria das letras de funk, os alunos foram chamados a revisitar canções tão suas conhecidas, discutindo palavras, ideias e temáticas. Foi assim que começaram a selecionar temas capazes de serem desenvolvidos nas oficinas de artigos de opinião, gênero que terá seu lugar já no primeiro número do jornal da escola.



“Mundo dos gibis”

Profa. Katia Silva Souza – Embu-Guaçu (SP)

Qual é a criança que não gosta de histórias em quadrinhos? Tendo esse gênero em mente, a professora Katia, da Escola Municipal Amanda Consuelo da Cunha, que atende crianças de Educação Infantil e de Ensino Fundamental I, decidiu que os gibis poderiam ser um bom meio para problematizar a questão da falta de água em São Paulo e em suas cercanias. Os alunos do 4º ano dessa escola, localizada em Embu-Guaçu (SP) se dispuseram a conhecer autores brasileiros de histórias em quadrinhos, a criar personagens e roteiros, sempre de olho em ações conjuntas em prol da economia de água. O resultado de todo esse processo será publicado em um almanaque.

“Quem conta um conto aumenta um ponto: das histórias do passado às histórias do presente”

Profa. Rosilene Almeida da Silva – Curaçá (BA)

Ler, ouvir e contar histórias tradicionais: esse é o mote do projeto desenvolvido pela professora Rosilene com os alunos do 1º ano do Ensino Médio, do curso técnico em zootecnia do Colégio Estadual José Amâncio Filho, em Curaçá (BA). Partindo da leitura de contos maravilhosos, o projeto pretende trabalhar com os elementos do gênero, a fim de revisitar os causos e as histórias da cidade, recontados por seus mais folclóricos habitantes. Ao produzirem textos coletivos e individuais que resgatem causos do lugar, os alunos ampliam seus círculos de letramento e unem tradição e contemporaneidade.



“O ator em cena: Morte e vida severina”

Prof. José Souza dos Santos – Paripiranga (BA)

O belíssimo poema “*Morte e vida severina*”, de João Cabral de Melo Neto, deu origem ao projeto “O Ator em cena: *morte e vida severina*”, realizado com os alunos do 9º ano da Escola Municipal Maria Dias Trindade, localizada no povoado Antas do Raso, município de Paripiranga (BA). A cultura da reza, do benzer para curar mazelas e o costume das sentinelas sobrevivem nessa localidade, como também ainda há os retirantes que saem para a região Sul em busca de vida melhor. Além da leitura do poema, o projeto propicia o debate, a apreciação do filme inspirado no poema, entrevista com os moradores, produção de poema e vídeo e culmina com a apresentação de uma peça teatral.

“Combate à dengue”

Profa. Sandra Margarete de Oliveira Cajaíba – Tremedal (BA)

Uma epidemia de dengue desencadeou o projeto da professora Sandra com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental do Centro Educacional de Tremedal (BA). Entendendo ser a escola um espaço privilegiado de disseminação da informação, construção de saberes e conscientização, a professora procurou sensibilizar os alunos para a importância do desenvolvimento de ações comprometidas com o conhecimento e, ao mesmo tempo, úteis à comunidade escolar e local. A leitura de notícias provocou o debate sobre as causas da epidemia; vídeos e palestra com o agente de endemias completaram as informações. O projeto, que mostra uma escola sintonizada com a realidade local, culminou com a produção de folhetos distribuídos à população e cartazes afixados em outras escolas e estabelecimentos comerciais.



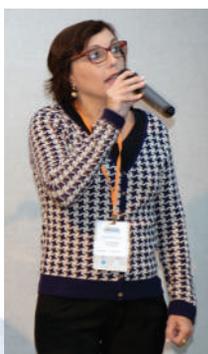
Fotos: Marcelo Magnani



“O ABC dos trava-línguas”

Profa. Vera Lucia Pereira Borges Silva – Dourados (MS)

Na Escola Municipal Fazenda Miya Polo, situada na cidade de Dourados (MS), nem sempre é fácil envolver as crianças em práticas de leitura e escrita que promovam a alfabetização e o letramento. Foi assim que a professora Vera Lucia teve a ideia de colocar os trava-línguas no centro das atenções: levando as crianças a recuperarem nas famílias quais eram os mais conhecidos, trabalhando esse registro em sala de aula, promovendo recitações e duelos do gênero capazes de envolver a comunidade rural. Todo esse rico processo, que mobiliza as modalidades oral e escrita, culmina na produção de uma coletânea de trava-línguas a ser lançada na festa junina da escola.



“Remexendo no baú de memórias: ler e escrever para (se) conhecer”

Profa. Vilma Cristina Silva dos Santos – Itaberaba (BA)

“Quando entramos em uma sala de aula do Ensino Médio, não encontramos apenas os alunos e as alunas de uma determinada classe, encontramos sujeitos envolvidos em muitas práticas sociais, com conquistas, frustrações e anseios. Pessoas que atuam motivadas por diversos interesses e que atribuem diferentes sentidos ao lazer, à cultura, ao conhecimento e ao trabalho. Lá estão jovens histórias de vidas, biografias juvenis a serem desveladas.” Com essas palavras, a professora Vilma inicia o projeto “Remexendo no baú de memórias”, que incentiva jovens alunos do Colégio Estadual Liberdade, localizado na cidade de Itaberaba (BA), a se conhecerem e a escreverem sua autobiografia.

“Produção de fanfics: um jeito de aprimorar letramentos”

Profa. Eliane Amaral Costa – Redentora (RS)

O projeto valoriza a multiculturalidade e os multiletramentos existentes na comunidade de Redentora (RS), por meio de um trabalho colaborativo realizado com estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental e os do Ensino Médio, que envolve três escolas estaduais: Escola Indígena Davy Rigjo Fernandes, Escola de Educação Básica Feliciano Jorge Alberto e Escola de Ensino Médio Américo dos Santos. O ponto de partida são as tradições: poemas, músicas, danças do Grupo Tenência Gaúcha e também dos indígenas do Guarita. Mas o ponto de chegada é a produção de fanfics (ficção de fã), um gênero emergente que circula na internet. Os fanfics produzidos serão publicados em *blog* específico e no *site* < <https://socialspirit.com.br/fanfics> >. Haverá também divulgação por meio do jornal da Escola Feliciano Jorge Alberto e pela rádio comunitária local, Nova 104.9.



“Contos de fadas do mundo inteiro no toque das mãos”

Profa. Claudeni Amélia do Nascimento Souza – Taguatinga (DF)

Como promover de fato a inclusão de alunos cegos ou com baixa visão por meio da leitura e ainda desenvolver o letramento dos alunos sem nenhuma necessidade especial? Essa questão insistente acabou levando a professora Claudeni a propor a seus alunos do 5º ano da Escola Classe 20, de Ceilândia (DF), que lessem, pelo alfabeto tradicional ou em braile, contos de fadas do mundo inteiro, tendo o mapa-múndi como referência para a localização de suas origens. Depois de devidamente nutridos pelos contos de fadas de diferentes culturas, as crianças recontaram algumas dessas histórias para posteriormente publicá-las e gravá-las em um áudio-livro. Multiculturalismo e multimodalidade então se uniram em um feliz casamento.



“Encantos de Mojuí dos Campos”

Profa. Rosiane Maria da Silva Coelho – Mojuí dos Campos (PA)

Dois objetivos moveram a professora Rosiane, da Escola Estadual Governador Fernando Guilhon, a desenvolver o projeto “Encantos de Mojuí dos Campos”, cidade do Pará: valorizar o lugar em que vivem e tornar a escrita mais significativa como atividade social voltada para o contexto sociocultural dos estudantes. A produção de um fôlder turístico da cidade, além de estabelecer uma conexão entre a escola e a comunidade, valorizando os eventos festivos e pontos turísticos, também possibilitou o uso da linguagem para fins reais, tornando os alunos protagonistas do lugar em que vivem. O projeto foi realizado com alunos do 3º ano do Ensino Médio.

“Minha leitura, meu barbante”

Profa. Maria Juciele Amancio Souza Silva – Tanque d’Arca (AL)

Ao conversar com seus alunos sobre a literatura de cordel, a professora Juciele constatou, um pouco entristecida, que eles nada sabiam sobre essa tradição nordestina. Iniciou então um processo de resgate do gênero por meio da apresentação do filme baseado na obra de Ariano Suassuna *Auto da compadecida*, de documentários sobre o gênero e do contato direto com os folhetos de cordel. Depois os alunos do 9º ano da Escola de Educação Básica Nossa Senhora Mãe do Povo, situada no município de Tanque d’Arca (AL), saíram pela escola e pelas ruas do entorno para fotografar situações ligadas ao tema “Preservação: uma cena, uma história”. O projeto culminará com a gravação de um CD com as produções dos alunos e com a criação de um *blog*.



Fotos Marcelo Magnani

“Água, letramento e economia”

Profa. Maria Geralda Silva – Carmo do Parnaíba (MG)

Tempos de escassez de água. Por que não aliar o enfrentamento desse grave problema à aprendizagem da leitura e da escrita? Foi o que fez a professora Maria Geralda com seus alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor José Hugo Guimarães, localizada em Carmo do Parnaíba (MG). Leitura de contas de água, charges, textos de divulgação científica e entrevista com representante da Copasa (Companhia de Saneamento de Minas Gerais) culminaram com a produção de um folheto informativo. O projeto mostra que letramento e conscientização podem caminhar juntos.



“O fórum de discussão no ensino da escrita argumentativa”

Profa. Aline Uchoa Pereira – Fortaleza (CE)

A internet tem influenciado na publicidade e no consumo da sociedade atual? A partir dessa pergunta iniciaram-se as interações entre os alunos do 9º ano da Escola Euclídia Pereira de Azevedo, de Fortaleza (CE), no fórum de discussão *on-line* do ambiente Sócrates, desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará. Daí a discutir e produzir vídeos de propaganda, com a formulação de opiniões e argumentos, passando pela realização de debates e oficinas que culminaram na produção de artigos de opinião, foi um longo percurso que contou com muitos sujeitos.

“Nas tramas da memória, tecendo saberes e vivências da nossa história”

Profas. Edna Souza Leal Fontes e Neila Leal Portela – Maracás (BA)

O município de Maracás (BA) tem uma arquitetura construída por alemães refugiados da Segunda Guerra Mundial e um bairro povoado só por descendentes de escravos no qual muitas tradições são mantidas. Mas essa história era desconhecida pelos alunos do 2º e 3º anos do Ensino Médio do Colégio Estadual Edilson Freire. Com o propósito de mudar esse quadro, as professoras de língua portuguesa Edna e Neila se uniram aos professores de história e geografia para, juntos, recuperarem e registrarem essa história.



“Redes sociais: espaço para (re)formulação de opiniões”

Profa. Francis Mari Ribeiro da Silva Tavares – Itanhandu (MG)

A constituição de um grupo de alunos do 3º ano do Ensino Médio e professores de português, história e geografia, no Facebook, para discutir temas polêmicos. Essa foi uma iniciativa dos professores da Escola Estadual Professor Souza Nilo, em Itanhandu (MG), liderados pela professora Francis. Os alunos analisaram charges, notícias e reportagens para, finalmente, produzir um artigo de opinião. O projeto possibilitou o desenvolvimento da argumentação e da capacidade de se posicionar diante de temas polêmicos, como a redução da maioria penal, as Olimpíadas 2016 e a crise hídrica.



“Multiletramento e a vida dos pescadores: as diferentes formas de linguagem”

Prof. Alenaide Lima de Almeida – Cansanção (BA)

A vivência dos pescadores – o trabalho da pesca, suas histórias de vida – está na base do projeto desenvolvido pela professora Alenaide com alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Centro Educacional Caminho do Saber, situada no Povoado de Bela Vista, em Cansanção (BA). A produção de um folheto informativo que circulará pelas escolas da região tem a intenção de unir diferentes formas de letramento e ainda valorizar a cultura da pesca, tão presente no lugar.

“Resgatando as histórias lendárias do lugar onde vivo”

Prof. Rita Ferreira Marcelino Vasconcelos – Castelo do Piauí (PI)

Em Castelo do Piauí (PI), a contação de histórias é uma prática bastante viva. Mas a professora Rita percebeu que seus alunos do 6º ano não se reconheciam nessas lendas que fazem parte do patrimônio imaterial da cidade, pelo simples motivo de que não as conheciam. Ao mesmo tempo em que investia na leitura de lendas e histórias de todo o Brasil, passou a incentivá-los a recolher essas histórias da cidade entre os familiares, para registrá-las por escrito. O projeto ainda prevê uma roda de contação das lendas mais tradicionais da cidade (a de Nossa Senhora do Desterro, a do Rei, a do Vaqueiro) e também a produção de um documentário.



Fotos Marcelo Magnani



“A ponte pela qual precisamos passar”

Prof. Bernadete Queiroz dos Reis Guerra – Frederico Westphalen (RS)

Uma ponte interditada sobre o rio Uruguai deu origem ao projeto. A professora Bernadete viu nesse problema real, que afetava a vida dos moradores, a oportunidade de ampliar o letramento de seus alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Técnica José Cañellas, de Frederico Westphalen (RS). Uma carta aberta, publicada no jornal local, e também entregue à Câmara de Vereadores e ao Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), é o produto final do projeto que, além do letramento, também desenvolve a cidadania.



“Memória literária de um lugar chamado Riacho Doce”

Profa. Rosilene Silva de Oliveira – Marituba (PA)

Quando foi trabalhar na Escola Municipal Santo Amaro, em Riacho Doce (PA), a professora Rosilene notou que seus alunos do 8º ano gostavam muito das histórias contadas pelos mais velhos. Concluiu então que um projeto para registrar essas memórias da vida e do lugar poderia ser uma forma significativa de ampliar o letramento de seus alunos. Além de construir conhecimentos referentes à língua portuguesa, os adolescentes tiveram a oportunidade de conviver e de trocar experiências com os mais velhos e assim valorizar as gerações passadas, estreitando os laços e sentimentos de pertencimento que ligam gerações novas e antigas de um mesmo lugar.



“Curta-poesias”

Profa. Patrícia Amaral – Afogados da Ingazeira (PE)

Adentrar o universo encantador da poesia do sertão pernambucano onde, segundo a autora, “o solo árido se torna fértil na imaginação do poeta declamador”. Conhecer, valorizar e preservar a cultura popular. Esse conjunto de desejos fez nascer o projeto “Curta-poesias”, que une tradição local com modernos recursos tecnológicos, pondo movimento, som e cor em poemas, transformados assim em animações (curta-metragem). Com esse propósito, a professora e as turmas de 9º ano do Centro de Excelência Municipal Dom Mota, localizado em Afogados da Ingazeira, no sertão de Pernambuco, mergulharam nos versos do escritor e poeta sertanejo Dedé Monteiro, nascido na vizinha cidade de Tabira.



“Rio Tapacurá: uma morte anunciada pela degradação humana”

Profa. Heronita Maria Dantas de Melo – Vitória de Santo Antão (PE)

O que fazer quando o rio antes cristalino que corta sua cidade vai dando sinais de degradação e morte? Pois a professora Heronita e seus alunos, inconformados, se mobilizaram para denunciar a situação do rio Tapacurá por meio de diferentes ações. Entrevistas com moradores, criação de uma história em quadrinhos, publicação de uma carta aberta, tudo isso faz parte do projeto desenvolvido por ela com os alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Amélia Coelho, localizada em Vitória de Santo Antão (PE).





“Funk: despertando o ponto de vista em sala de aula”

Profa. MarluCIA da Silva Souza Brandão – Marataízes (ES)

Ao identificar o interesse dos alunos do 1º ano do Ensino Médio pelo funk, a professora MarluCIA, que trabalha na Escola Estadual Domingos José Martins, localizada em Marataízes (ES), decidiu desenvolver um projeto que possibilitasse valorizar esse gênero musical como manifestação cultural e, ao mesmo tempo, lançar um olhar crítico sobre o conteúdo de suas letras. O desenvolvimento do projeto possibilitou um debate sobre a cultura marginal e a cultura aceita pela escola, culminando com a produção de artigos de opinião sobre o funk, que, depois de aperfeiçoados, foram publicados no *blog* da turma.



“Sinhô Cordel”

Profa. Polyanna Paz de Medeiros Costa – Rio Largo (AL)

Patrimônio histórico do povo nordestino, o cordel atravessa gerações encantando pessoas de diferentes idades e culturas. Assim, não foi difícil atrair os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Walter Dória de Figueiredo, em Rio Largo (AL), para conhecer e escrever cordéis. Durante o desenvolvimento do projeto, os alunos puderam conhecer os cordelistas alagoanos Jorge Calheiros e Demis Santana. Os cordéis produzidos serão apresentados pelos alunos no centro da cidade.

“Cantos distantes”

Profa. Maria Verúcia de Souza – Brasília (DF)

Em tempos de internet, há espaço para a escrita e o envio de cartas na forma tradicional? A professora Maria Verúcia e seus alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Classe 308 Sul, de Brasília, demonstram que é possível dar novo sentido à troca de cartas como meio de compartilhar diferentes culturas. Por meio das cartas, crianças de Brasília puderam “encontrar-se” com crianças da Escola São Francisco, em Cabo Verde, viajando, sem deslocar-se fisicamente, para “cantos distantes”.



Fotos Marcelo Magnani

Catadores de tralhas e sonhos

São centenas, talvez milhares os catadores de papel nessa megalópole. Puxam ou empurram carroças e catam objetos no lixo ou nas calçadas. É um museu de tralhas variadas: restos de materiais para construção, papel, caixas de papelão, embalagens de inúmeros produtos, e até mesmo objetos decorativos, alguns belos e antigos, desprezados por algum herdeiro.

Há carroças exóticas, pintadas com desenhos de figuras pop, seres mitológicos, nuvens, pássaros e vampiros. Em Santana, vi uma carroça que lembrava um jinriquixá, só que maior do que o veículo asiático.

Era puxada por um velho e transportava uma avó e seu netinho, sentados em pilhas de papel. Perguntei ao carroceiro quanto ele cobrava pelo transporte de passageiros.

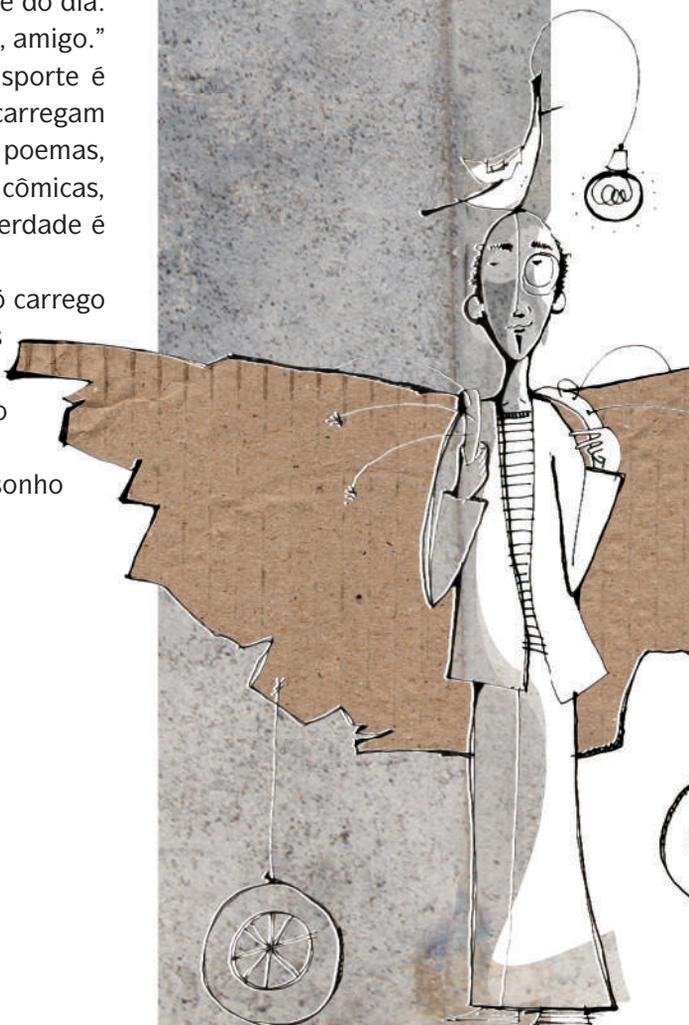
“Depende... Pra perto daqui, cinco reais. Pra fora do bairro, cobro 15 ou 12, depende do passageiro e do dia. Não gasto gasolina, nem nada, é só força mesmo, amigo.”

E haja força, leitor. Mas esse meio de transporte é raro na metrópole. Quase todas as carroças só carregam quinquilharias, uma e outra exibem aforismos, poemas, ditados. Vi carroças líricas, políticas, filosóficas, cômicas, moralistas, anarquistas. Numa delas se lia: “A verdade é uma desordem... Alguém tem dúvida?”.

Noutra, pintada de verde e amarelo: “Aqui só carrego bagunça, mas sou homem de paz”. A que mais me chamou atenção foi uma carroça linda, com uma pintura geométrica que lembra um quadro de Mondrian. Na lateral, estava escrito:

“Carrego todo tipo de tralha, e carrego um sonho dentro de mim”.

Milton Hatoum



Era uma carroça mineira, pois ostentava uma bandeira de Minas. Conversei um pouco com esse carroceiro de São João del-Rei. Acho que perdeu a desconfiança nas ruas paulistanas, pois não se esquivou de mim, e ainda me mostrou uma luminária de aço, fabricada em Manchester (1946). Esse objeto havia sido abandonado numa caixa de papelão e recolhido pelo caprichoso carroceiro de Minas.

Especulei a origem da luminária e me indaguei: quantas páginas esse belo objeto tinha iluminado em noites do pós-guerra?

Depois o carroceiro abriu uma caixa e me mostrou livros velhos, em língua alemã. Disse que tinha encontrado tudo numa mesma calçada do Jardim Europa, e agora ia vender os livros para um sebo. Ele me olhou e acrescentou:

“Ando solto, não gosto de ser botado preso dentro de curral. A gente encontra cada coisa por aí... Só não encontra o que a gente sonha”.

Comprei a luminária desse filósofo ambulante, mas não me interessei pelos livros, que talvez sejam relidos por algum germanófilo de São Paulo.

Sei que não é fácil encontrar um sonho nas ruas; mas encontrei carroceiros simpáticos e um assunto para escrever esta crônica.

In: *O Estado de S. Paulo*. Caderno 2, 27/3/2015.

Disponível em <cultura.estadao.com.br/noticias/geral,catadores-de-tralhas-e-sonhos-imp-,1658853>.



Milton Hatoum (Manaus, AM, 1952). Romancista, contista, professor e tradutor. Viveu a infância e parte da juventude em Manaus. Mudou-se para Brasília e lá permaneceu até 1970, quando veio morar em São Paulo, onde cursou arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Foi professor universitário de história da arquitetura e de literatura francesa. Ministrou aulas de literatura brasileira, como professor visitante, na Universidade da Califórnia (Berkeley), onde também foi escritor residente. Estreou na ficção com *Relato de um certo Oriente*, publicado em 1989 e vencedor do prêmio Jabuti de melhor romance do ano. O segundo romance, *Dois irmãos*, de 2000, foi traduzido para oito idiomas e ganhou outro Jabuti. Com *Cinzas do Norte*, de 2005, Hatoum recebeu os prêmios Jabuti, Bravo, APCA e Portugal Telecom. Em 2008, publicou sua primeira novela, *Órfãos do Eldorado*, e em 2013 suas crônicas foram reunidas em *Um solitário à espreita*. Escreveu artigos e ensaios acerca de autores brasileiros e latino-americanos, em periódicos do Brasil e da Europa. Atualmente é colunista do jornal *O Estado de S. Paulo* e do site Terra Magazine. Fonte: <www.miltonhatoum.com.br/biografia/a-historia-do-autor>.

Os projetos de letramento requerem um movimento pedagógico que vai da prática social para o “conteúdo” (seja ele uma informação sobre um tema, uma regra, uma estratégia ou procedimento), nunca o contrário.

Angela Kleiman. “Trajetórias de acesso ao mundo da escrita”, in: *Perspectiva*. Florianópolis, v. 28, nº 2, jul.-dez., 2010, p. 383.

CURTA-POESIAS

Patrícia Amaral Barbosa e Elziana Sousa

Durante o curso “Caminhos da escrita”, Patrícia Amaral Barbosa e Elziana Sousa, puderam refletir sobre as múltiplas práticas de leitura e escrita que ocorrem nas diversas situações da vida social. As professoras abriram os olhos à cultura local, levaram a poesia popular de Dedé Monteiro, tão presente nas comunidades rurais e urbanas do interior de Pernambuco, para o contexto da sala de aula.

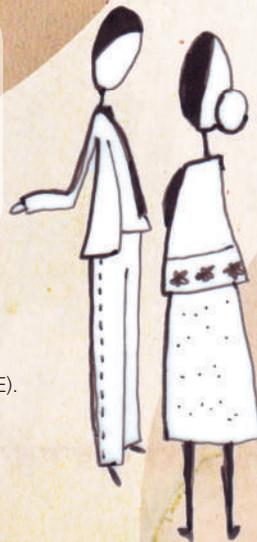
Nessa região, os moradores têm o deleite de ouvir todos os dias, pela manhã, nas ondas da Rádio Pajeú (AM), no programa *Encontro com a Poesia*, os repentistas e violeiros improvisarem em suas poesias as angústias, esperanças e alegrias dos que vivem no sertão do Pajeú.

Com a intenção de renovar o fazer pedagógico, elas acolheram o **letramento** local e o interesse dos estudantes pelos avanços tecnológicos, ao escreverem o pré-projeto *Curta-poesia*.

Desafiaram os jovens do 8º ano, tão afeitos às *mídias digitais* e às redes sociais, a conhecer a estética da poesia, a brincar com sonoridade das palavras, a transformar os poemas populares em animações (curta-metragem).

Letramento: são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade. (Magda Soares. “Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura”. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 23, nº 81, dez., 2002, pp. 143-160. Disponível em <www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>.)

Patrícia Amaral Barbosa é professora do Centro de Excelência Municipal Dom Mota (PE).
Elziana Sousa é professora da E. E. F. M. Maestro Waldemar Henrique (PA).



Prosa poética

O ponto de partida é identificar o conhecimento dos estudantes sobre o gênero que será trabalhado – nesse caso, Poema. Para dar a largada às atividades do projeto, podemos fazer uma roda de conversa ou a brincadeira “batata quente”, instigando a turma a narrar o que sabem:

- ▶ nome de três poetas locais;
- ▶ se já escreveu algum poema e se pode declamá-lo;
- ▶ uma característica própria de poema.

Ou propor um **questionário pessoal** que possibilite mapear o conhecimento do grupo e, com base no resultado, (re)planejar o processo de ensino-aprendizagem.

1. Você gosta de ler poesias?

sim

um pouco

não

2. Com que frequência você lê poesias?

sempre

às vezes

nunca

3. Você já leu poesias de poetas da sua região?

sim

não

4. Você gostaria de conhecer poetas da sua região?

sim

talvez

não

5. Um texto poético tem a intenção de:

orientar

convencer

informar

expressar e despertar a subjetividade



Sertão de Pajeú, terra de poetas

A partir do diagnóstico dos estudantes, podemos colocar em ação uma sequência de atividades em sala de aula que possibilite ler, pesquisar, refletir, observar, ampliar o repertório do gênero em estudo. Para que “se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer”, como nos lembra João Wanderley Geraldi (*Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997), propomos algumas etapas:

- ▶ leitura da biografia do poeta Dedé Monteiro no *site* < www.poetadedemonteiro.blogspot.com.br > ou no Facebook < <https://www.facebook.com/dedemonteiro.monteiro.9?> >. Acesso em 30 de junho de 2015.
- ▶ apresentação de um vídeo exibindo uma entrevista em que **Dedé Monteiro** declama seu poema “Fim de feira” junto com Guga Lins.



[...] miçanga, fruta, verdura, milho, feijão e farinha,
bode, suíno, galinha,
miudeza, rapadura.
É esta a imagem pura
de uma feira nordestina
que começa pequenina,
dez horas não cabe o povo.
E só diminui de novo
depois que a feira termina [...]

Dedé Monteiro. “Fim de feira”. Disponível em <www.youtube.com/watch?v=7L2LPdxW6Q>. Acesso em 30 de junho de 2015.



José Rufino Costa Neto, Dedé Monteiro, nasceu no Sítio Barro Branco de Tabira (PE) em 13 de setembro de 1949. Escreve versos desde os 15 anos, influenciado pelo pai, que cantava cordéis, pelos vendedores de folheto de feira e pelos violeiros nordestinos. Tem três livros publicados: *Retrato de Pajeú*, *Mais um baú de retalhos* e *Fim de feira*.

- ▶ leitura em voz alta de poemas de Dedé Monteiro;

Se a paz no mundo está pouca
 Se a vida sem paz não presta
 Se a consciência está louca
 O que será que nos resta? [...]

- ▶ elaboração do convite da entrevista para o poeta;
- ▶ preparação do roteiro e realização da entrevista;
- ▶ produção de uma reportagem com base na entrevista com o poeta popular;
- ▶ apreciação da série **Poetas do repente**.

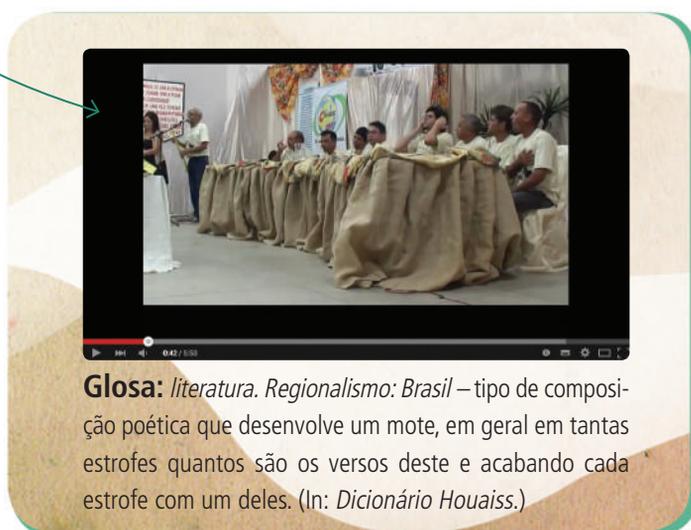
< tvescola.mec.gov.br/tve/videoteca-series!loadSerie?idSerie=4143>.
 Acesso em 30 de junho de 2015.



- ▶ apresentação em **Mesa de glosa**.

O repentista é desafiado a improvisar seus versos na mesa de glosas; a obediência ao mote, dado pelo coordenador da mesa, gera uma expectativa na plateia que a impulsiona a vibrar quando escuta a sextilha em decassílabo.

Para conhecer uma mesa de glosa < www.youtube.com/watch?v=Zb9uqQ2x56I>.
 Acesso em 30 de junho de 2015.



- ▶ participação do evento **Balaio cultural**, no qual vários poetas, declamadores e repentistas se apresentam ao ar livre na pracinha da vizinha cidade da Ingazeira.

Nos eventos – Mesa de glosa e Balaio cultural – os estudantes chegaram mais perto das práticas dos letramentos populares, observaram a estética das rimas nos versos dos repentistas, a postura no palco, a entonação de voz (articulação e clareza ao pronunciar as palavras), a arte da poesia popular.

Curta-metragem em cena

Hora de selecionar os poemas populares para montagem do curta. Antes da elaboração do vídeo, os estudantes vão se familiarizar com a multiplicidade dessa linguagem – áudio, filmagem, tratamento de imagem, edição e diagramação, entre outras – para mostrar a singularidade dos poemas dos pajeuzeiros.

No desenvolvimento do curta-metragem os jovens vão experienciar:

- ▶ apresentação de algumas animações para observação e registro:
 - “Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo”, inspirada na poesia de Manoel de Barros. Disponível em
< www.youtube.com/watch?v=a-HDwM3jebY >.
 - *A maior flor do mundo*, livro infantil de José Saramago. Disponível em
< www.youtube.com/watch?v=YUJ7cDSuS1U >.
 - O escritor Patativa do Assaré. Disponível em
< <http://portacurtas.org.br/curtanaescola/filme/?name=patativa> >.



- ▶ levantamento dos materiais necessários para a construção do curta;
- ▶ elaboração de uma agenda das tarefas que devem ser feitas na sala de aula e as que irão ser desenvolvidas em casa pelo grupo de trabalho;

- ▶ promoção de uma oficina com a participação do professor de informática, que irá orientar os passos para a utilização dos aplicativos de vídeos e das características próprias do curta-metragem:

< www.curtanaescola.org.br>;



- ▶ construção dos curtas de poemas;
- ▶ confecção de convites para momento cultural “Curta-poesias” (pais, alunos da escola, poeta homenageado e pessoas que contribuíram para a realização do **projeto**);
- ▶ celebração com apresentação das animações para a comunidade.

De acordo com o ritmo de ensino-aprendizagem, os estudantes se envolvem em uma rede de gêneros – poesia, biografia, roteiro, entrevista, vídeo, convite, reportagem, animação –, ressignificam temas e conteúdos, e o projeto vai sendo (re)escrito no contexto.

Dessa forma, abre-se espaço para as práticas de letramento da cultura popular e as de prestígio no ensino da língua portuguesa.

O que é projeto?

Projeto é um conjunto de atividades orientadas por objetivos comuns e planejadas para a elaboração de um produto final. Trata-se, assim, de um tipo de organização temporária, na qual se criam várias oportunidades de ação coletiva: escolher, decidir, planejar, partilhar, cooperar, buscar recursos e realizar. Esses procedimentos permitem e exigem a construção de conhecimentos, competências pessoais, colaborando para o desenvolvimento da autonomia, da solidariedade e da liderança.

Ana Luiza M. Garcia, Egon Rangel. “Os caminhos da escrita”. Curso *on-line* de formação de professores. Programa Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, CENPEC/MEC, 2013.

Os caminhos e descaminhos da leitura literária

Este é um relato de uma experiência com a leitura de texto literário numa escola pública municipal, no decorrer de 2010, cuja ação era trabalhar com textos e autores diversificados, com o objetivo de expandir o universo de leitura e seduzir o leitor para o mundo das letras.

Marileide Alves Rocha

■ Introdução

Durante minha pesquisa de mestrado em 2007 buscava indagar sobre o ensino da leitura em uma escola pública. A análise dos dados levantados levou-me à percepção de que, embora houvesse incentivos para a leitura por parte dos professores, os alunos não se lembravam do que liam. Quando se lembravam, mencionavam alguns contos de fadas tradicionais ou o nome de duas escritoras famosas, mas não suas obras. Esse aspecto levou-me a ponderar que as lembranças desses contos talvez fossem resultado de um trabalho com leitura nas séries iniciais. Também percebi que, nas séries finais, os livros indicados para a leitura dos alunos eram, em sua maioria, da coleção *Literatura em Minha Casa*. Coleção de gosto inquestionável, mas que não exercia atração nos meninos porque alguns livros já tinham sido lidos várias vezes pelo mesmo aluno.

Ao terminar o mestrado, fui trabalhar no depósito de livros didáticos e literários, um local pequeno, e foi nesse espaço restrito que nasceu a proposta de formar leitores com a mediação de um professor.

Marileide Alves Rocha é professora de língua Portuguesa da rede pública municipal e estadual. Mestre em Teoria Literária pela UNB. marileidealvesrocha@yahoo.com.br.

Pesquisa realizada no decorrer de 2010,
na 2ª fase do Ensino Fundamental, numa
escola pública da rede municipal de ensino
do município de Senador Canedo, Goiás.

em uma escola de Ensino Fundamental



No decorrer do trabalho, notei que havia muitos exemplares de excelente qualidade, enviados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), guardados naquele espaço. Achava-se que alguns deles não eram adequados porque os textos eram difíceis para a faixa etária matriculada naquela escola. Estavam ali, pois, os meus desafios: encontrar caminhos para fazer chegar maior quantidade e variedade de obras às mãos dos alunos; fazê-los ler os textos de modo que se sentissem atraídos pelos conteúdos. Mas como não *cobrar* leitura dentro de uma escola? A minha angústia com relação à escolarização da leitura não é um sentimento solitário. Segundo Evangelista et al. (2006), a leitura vem sendo debatida e refletida por vários educadores que se inquietam diante da dificuldade de trabalhar textos literários na escola para que os alunos se tornem leitores voluntários e autônomos. Magda Soares (2006, p. 22), por sua vez, afirma que não há como evitar que a literatura, ao se tornar um saber escolar, se escolarize. O que devemos fazer é discutir formas adequadas de trazê-la para a sala de aula, de modo que se estabeleça entre o aluno e a literatura um laço de aproximação, e não de aversão.

Então, o desafio maior seria encontrar um jeito adequado e prazeroso de trabalhar a leitura na escola. Minha decisão estava ancorada na reflexão de Magda Soares segundo a qual uma seleção limitada de autores e obras pode resultar em uma escolarização da literatura inadequada, porque pode provocar o desconhecimento, pela criança, de autores e obras variadas e ricas.



Outra tarefa era atrair os alunos para o local onde estavam guardados os livros, que não era agradável, pois não havia espaço físico apropriado. O atrativo teria que ter um apelo forte para levar os alunos a fazerem do local escolhido um ponto de encontro e bate-papo cujo tema eram os textos ou livros escolhidos por eles. Para isso, teria que buscar um caminho de sedução.

■ O percurso do trabalho de leitura literária

É um ato difícil envolver alunos que não leem textos diversificados ou mais complexos. Assim, o professor necessita fazer a mediação e o encantamento para que a curiosidade seja despertada para o desconhecido. Nesse aspecto, minha tarefa era um pouco mais árdua porque havia decidido que iria começar pelos textos de Monteiro Lobato. Essa escolha foi planejada e justificada por ter encontrado no armário destinado aos professores uma caixa com vários livros desse autor quase intactos, já que eles consideravam esses textos longos e enfadonhos.

Para despertar o interesse dos alunos por esse escritor, fiz pequenos cartazes, imitando os anúncios de *fast foods*. Neles anunciei a presença do escritor como se ele estivesse vivo. Esse artifício levou vários curiosos para a suposta biblioteca. O local ficou cheio de alunos querendo saber quem era Monteiro Lobato. A partir daí vi que teria chance de mostrar outras obras. Os livros deveriam ser apresentados como uma novidade “quentíssima, saindo do forno” naquele instante. Todo dia, na caixa de livros surgia uma novidade, anunciada como se fosse a melhor coisa do mundo.

A escola, que era monótona, ficou alegre, com bastante movimento. Só que os alunos começaram a ler os livros na sala. Às vezes, solicitavam a esse ou àquele professor permissão para ir à biblioteca devolver o livro, e ali ficavam discutindo a respeito do que tinham lido. O vaivém chamou a atenção da coordenadora. Houve muita reclamação, e para o bem da disciplina e organização da escola estipulou-se que os livros só poderiam ser retirados para empréstimo durante os quinze minutos do recreio.

Consegui com isso o que mais queria: transformar aquele espaço em ponto de encontro, mesmo sendo de quinze minutos.

Muitas vezes percebia que o aluno não tinha lido o livro. Então, passei a fazer comentários sobre os livros, dando opinião; comecei a usar, literalmente, a hipérbole (figura de linguagem que dá ideia de exagero), para classificar os textos. Às vezes, tecia um comentário sobre a personagem, ou uma atitude, falava do tema da obra. Fazia malabarismos para que os alunos se sentissem atraídos pela leitura.

No começo tentei colocar os livros por gênero. Não deu certo. Quando colocava poesia, os alunos queriam contos ou crônicas; quando colocava contos ou crônicas, queriam poesia. E eu não estava numa situação que pudesse barganhar o desejo do aluno porque poderia afastá-lo da biblioteca e perdê-lo como leitor. Comecei a oferecer uma verdadeira seleta de textos. Os alunos liam, comentavam entre si, e muitos livros nem chegavam a voltar para a caixa de amostra porque o rodízio das obras era grande entre eles.

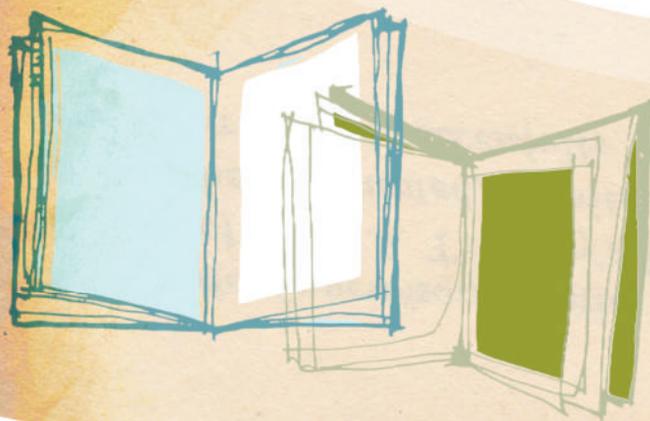


Então, de janeiro a novembro de 2010 houve uma movimentação de obras literárias que considero importante, pois a intenção era trabalhar diversos autores para conseguir provocar os vários sentidos, possibilitar a percepção crítica e o diálogo do leitor com outros textos, como diz Magnani (2001, p. 95), o diálogo entre obras pode possibilitar ao leitor observar a trivialidade de determinadas obras, sendo a trivialidade aqui entendida como a mobilização da consciência e da sensibilidade do leitor com relação aos conteúdos da obra lida.

Desse ponto de vista, estava procurando não ver a utilização e a recepção da literatura dentro da escola apenas como forma de recreação, nem trabalhá-la como possível roteiro de fichas que transitam na superficialidade do texto. Por isso, não utilizei como critério de seleção os chamados “bons” textos em detrimento dos “ruins”. Meu interesse estava em apresentar, de forma clara, uma prática compartilhada e se possível transformadora, na qual o leitor pode elaborar, criticar, compreender e buscar sentido no texto. Nesse caso, pode ser possível gostar de ler textos de qualidade literária (e gostar de aprender) porque saber e prazer não se excluem – ambos requerem a leitura em sua plenitude.

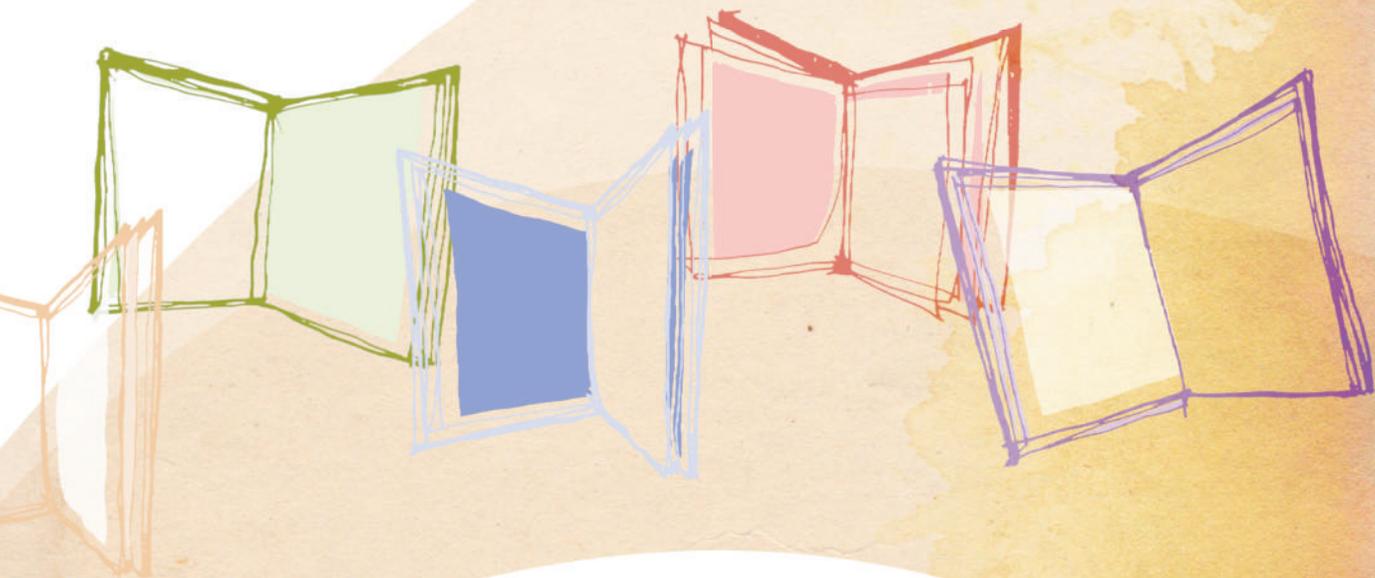
■ Sabores e dissabores no ensino da leitura do texto literário

Quando comecei o trabalho, tinha consciência de que minha prática não era neutra. Para desenvolvê-lo tive que pensar no presente histórico em que a escola estava inserida, nos alunos e em mim. A partir dessa observação, foi possível trabalhar a leitura da literatura para alcançar os avanços qualitativos que tanto almejava. No entanto, percebi que os alunos do 8º e do 9º ano iam pouco à biblioteca. Resolvi fazer uma *jogada*: comprei três livros da saga *Crepúsculo*: dois eu ofereci para empréstimo e o outro doei para a escola premiar uma aluna do 9º ano como “leitora revelação”. A *tática* deu resultado. Todos queriam ler os livros. Então, estipulei que só poderia tomá-lo emprestado o aluno que colocasse o nome numa lista de espera e que tivesse lido outros livros da biblioteca. Com isso, o número de alunos-leitores do 9º ano aumentou.



Pode-se aprender e gostar de ler textos literários e ter gosto por essa leitura. Isso não se dá por milagre, pressupõe um processo de aprendizagem. A formação do leitor envolve a diversidade como princípio norteador dos critérios de seleção e utilização dos textos e da reflexão sobre a formação do gosto dos alunos. Compreendi que o gosto não é sucessivo, mas dependente – ele envolve as histórias da leitura, do leitor e do texto.

Assim, aprendi a procurar a diversidade de enredos, procedimentos narrativos, gêneros, linguagens, autores e metodologias para poder romper com a limitação do totalmente conhecido e levar o leitor, por meio da busca de significados, a alargar seus horizontes. Esse fator faz dele um leitor-guerreiro em busca dos significados que podem lhe render sabores e dissabores ao longo da caminhada.



Hoje, entendo que a leitura de que o aluno gosta pode ser levada para a sala de aula como ponto de partida para reflexão, análise e comparação com outros textos. E esse trabalho pode ser feito até com uma literatura trivial como a saga *Crepúsculo* ou *Tio, me compra um papai*.

Com o tempo, os alunos pediram e a direção da escola permitiu que tivéssemos oficinas de leitura de literatura acrescida de contação de histórias. As oficinas realizaram-se de quinze em quinze dias, com a participação de alunos de séries variadas.

E os meninos contaram muitas histórias e se lembram de como o prazer de ler começou naquela escola... E os caminhos e descaminhos da leitura literária continuam seus percursos em alguma escola em que há alunos desejosos de ler.

Referências

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola – Sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOARES, Magda. *A escolarização da literatura infantil e juvenil* in: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al (orgs.). *A escolarização da leitura literária*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, pp.17-48.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. (orgs.). *A escolarização da leitura literária*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Um passado cheio de novidades

Wagner da Conceição Trindade

Wagner da Conceição Trindade é professor da E. M. Ernestina Ferreira Muniz – Tanguá (RJ)

Quando decidi participar da 4ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* com minha turma de 8º ano do Ensino Fundamental, na categoria de Memórias literárias, confesso ter sofrido intensamente para iniciar as atividades. Novato nesse gênero de texto, uma grande interrogação me afligia: como conseguir que uma juventude tão conectada e tecnológica consiga voltar seus olhos para o passado, inserir-se nele e produzir um texto refletindo um tempo que não é o seu? Como “escrever o futuro” com os olhos para o passado? Tais questionamentos latejavam, uma solução precisava ser encontrada.

Na realidade, o problema estava dentro de mim. Era eu quem precisava compreender todo o processo de construção de memórias para que a transmissão dos conhecimentos aos alunos se tornasse plena. Consciente dessa missão, analisei, tal como os bons

alunos de que me orgulho como professor, todo o material produzido pela equipe da Olimpíada e obtive, a partir deles, a “ancoragem” necessária para realizar meu trabalho com a turma.

Toda a sequência didática permitiu uma imersão no gênero, de modo que a compreensão da escritura do texto de memórias se tornou integral. Os jogos de aprendizagem ofereceram o viés lúdico

e, ao mesmo tempo, tecnológico de que precisava para responder às lacunas do início deste relato. Era possível, sim, reconstituir o passado com as tintas joviais dos meus alunos.

Dirimidos os obstáculos metodológicos e ideológicos que me paralisavam, iniciei o trabalho com a turma. Como em todo início de trabalho referente à Olimpíada, minha conversa buscou convencer os alunos de que participar dessa competição seria uma oportunidade ímpar, em todos os sentidos, seja o de aprendizado, seja o de experiências de vida imensuráveis. Sempre me emociona ver os olhinhos brilhando de alunos tão carentes de posses, mas tão ricos de sonhos e esperanças. É esse brilho no olhar que me motiva no trabalho com as oficinas.

No começo das atividades, percebi muito ânimo dos alunos, mas muitas dúvidas sobre o que eram, efetivamente, memórias literárias. Ao perguntar, inicialmente, o que achavam que seria esse gênero, minha doce Camilinha responde, com uma certeza catedrática, que era um texto “em que a gente se lembra dos livros que lemos na infância”. Fui obrigado a rir copiosamente. Pode até não ter acertado o conceito, mas demonstrou que compreendia o vocabulário. As dúvidas foram se encerrando após o trabalho com as oficinas 1 e 2, que ajudaram os alunos a entender a base da produção do texto de memórias.

A turma foi se mostrando cada vez mais interessada. Ao apresentar o “casarão bravo”, propus um desafio entre meninos e

meninas na primeira etapa do jogo de aprendizagem. Essa atividade aguçou ainda mais a atenção deles. Aos gritos de “Campeãs!”, as meninas venceram os meninos, que prometiam revanche na próxima competição. Gustavo, meu aluno repetente e com grandes dificuldades de compreensão de textos, comentou: “Professor, aprender assim é divertido, faz dessa maneira mais vezes que eu acho que não fico reprovado!”. A sinceridade do garoto me deu ainda mais ânimo.

No entanto, ainda que o clima estivesse positivo, com o grupo correspondendo bem aos estímulos das oficinas, minha dificuldade estava na produção de textos. Muitos não entregavam as produções, fato que impedia a progressão desejada. As atividades de sala geravam textos pequenos e ainda muito insipientes. Poucos alunos se esforçavam em produzir os textos e desenvolver a reescritura.

Utilizei a coletânea de textos como uma ferramenta importante de inspiração. Ao ver como os autores se utilizavam da escrita de memórias, os alunos se mostraram mais seguros para produzir seus próprios textos. O texto de Zélia Gattai sobre os automóveis permitiu ao José Miguel dizer que a Posse dos Coutinhos era ainda “mais atrasada do que aquela São Paulo”. A turma rebateu e, num sentimento quase patriótico, afirmou que lá os carros já chegavam a quase oitenta quilômetros na estrada de chão, como se isso fosse a confirmação de que José estava errado.

Muitas atividades feitas, uma boa quantidade de textos analisados, estava chegando a hora de decidir quem representaria a escola na Olimpíada. Todos participaram, alguns alunos com apenas um texto, mas me senti orgulhoso por ter conseguido total adesão. Faltava apenas uma última atividade, de suma importância, que era a entrevista. Depois de algumas recusas e ausências, chamei o sr. Leão para conversar com os alunos. Falou da vida, do passado em seu lugar natal e emocionou muito ao lembrar de sua relação com o pai. Percebi que muitos alunos passavam pela mesma situação descrita pelo entrevistado. A memória deixou de ser particular para ser coletiva. Meu trabalho estava consolidado.

O texto da Jéssica, falando sobre sua avó e as comidas do fogão a lenha, estava quase garantido. Tudo mudou na última semana, quando José Miguel captou toda a emoção da entrevista do sr. Leão e produziu o belíssimo “Cardeboi”. Não tive dúvidas da beleza da história, era a Posse dos Coutinhos contada na sua face mais sensível.

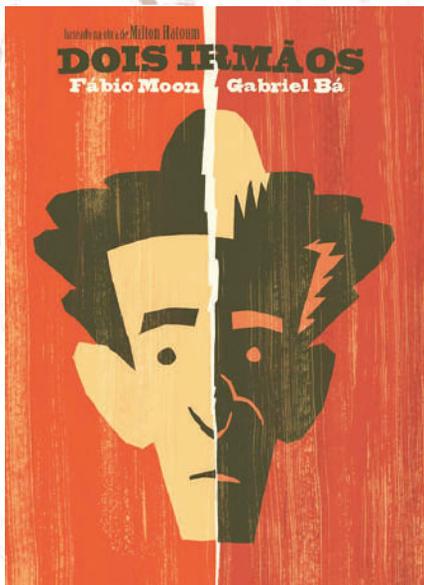
A Comissão Escolar percebeu isso e José seguiu para as demais etapas. Acho que agradou, visto que já estamos na semifinal. Quem podia imaginar que aquele “carro de boi” que andava pela Posse pudesse atravessar Tanguá, o Estado do Rio de Janeiro e chegar a Maceió? E, pelo jeito, ainda temos fôlego para viajar mais um pouco... quem sabe Brasília? Seguiremos juntos, orgulhosos e satisfeitos, para onde essa carroça nos levar.

Indicações

para quem busca novidades para ler, ouvir, ver, falar, pensar e sonhar

Literatura

Na ponta da língua e ao alcance dos olhos



“Os gêmeos eram dois opostos, habitando o mesmo corpo e dormindo sob o mesmo teto.”

Os irmãos Fábio Moon e Gabriel Bá criaram uma versão em quadrinhos do premiado romance *Dois irmãos*, do escritor amazonense Milton Hatoum.

A narrativa traz a conturbada relação familiar entre os gêmeos, idênticos no físico e opostos no caráter: Omar, boêmio e impulsivo; e Yakub, estudioso e introvertido. Zana, Halin, Domingas, Rânia e Dália são outros personagens presentes na trama. Vingança, paixão, desavenças, inveja são armadilhas desse drama familiar vivido às margens do rio Negro, em Manaus.

Em preto e branco, com traços estilizados e precisos, os quadrinistas – que também são gêmeos – retrataram cenários, personagens, a passagem do tempo e a atmosfera misteriosa criada pelo autor manauense. Eles visitaram Manaus para identificar ruas, praças e entender melhor a paisagem da cidade. “Impressionante a combinação de imagens e palavras que os irmãos deram à obra, não imaginei ser possível. A harmonia entre elas é sentida a toda hora e a sequência de quadros frui como os capítulos da obra original”, destacou Hatoum.

Fábio Moon, Gabriel Bá. *Dois irmãos*. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2015.

Curtos e poéticos

“Acordou lírico. Arriou-se da cama ao chão como um punhado de cascalho rolando no leito de um rio.”

José Rufino, escritor e artista plástico paraibano, conhecido por seus trabalhos de caráter político, abre espaço para o ficcional em *Afagos*, livro publicado pela Cosac & Naify, em 2015.

São 102 microcontos, em que o autor esmiúça a natureza humana – amargura, paixão, saudade, traição, celebração, ausência, esperança – abordando flagrantes da vida cotidiana de modo lírico. A concisão do microconto instiga o leitor a complementar a narrativa e ir além da história escrita. Para José Rufino, o texto em formato curto é trabalhoso: “Cada palavra tem que ser muito precisa, essencial. Chega perto da poesia”. Para conhecer trechos do livro *Afagos* acesse <editora.cosacnaify.com.br/Loja/PaginaLivro/2403/Afagos.aspx>.



Pérolas da Imaculada

No Portal da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, a experiente professora mineira Maria Imaculada Pereira fala das inquietações que povoam o dia a dia da sala de aula. Persistente e reflexiva, não abre mão do compromisso político com o direito à educação. Com o olhar sensível e a escuta atenta, acolhe a todos os estudantes. Não mede esforços para desvendar as causas de cada desafio e buscar as soluções possíveis em seu trabalho da língua com prática social.

Nesta seção, o educador, além de assistir ao vídeo em que Imaculada revela acertos, incertezas, conflitos, fragilidades, êxitos, alegrias, pode, no Fórum, dialogar sobre os depoimentos com outros professores e o mediador. No final das discussões do Fórum, um especialista é convidado para comentar e aprofundar o debate – por meio de um bate-papo virtual com transmissão ao vivo – sobre as questões tratadas em cada episódio da série. Mensalmente, uma nova narrativa estará disponível no Portal *Escrevendo o Futuro*, participe! <www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/ponto-de-encontro/perolas-da-imaculada>.



Últimas conversas

Foto: Videofilmes / Divulgação



Eduardo Coutinho filmando *Últimas conversas*.

"[...] falar é uma forma de fazer, é uma performance. É um ato do corpo. E isso me basta."

Eduardo Coutinho

No último documentário que produziu e dirigiu, Eduardo Coutinho (1933-2014) aventurou-se em território desconhecido com a expectativa de descobrir o que pensam, sonham e como vivem os jovens brasileiros. Entrevistou estudantes de 16 a 18 anos que concluíram o Ensino Médio em escolas públicas do Rio de Janeiro.

Diante das câmeras, os adolescentes falam de modo desinibido sobre assédio sexual, preferências musicais, *bullying*, racismo, cotas, religião, homossexualismo, ausência do pai, falta de afeto da mãe. Uma amostragem da juventude brasileira na atualidade.

Durante a filmagem o cineasta dizia-se angustiado e arrependido: "Jovem vem moldado, com um cinismo e arrogância de quem sabe tudo. Devia ter feito com criança". Coutinho, que sempre deu visibilidade à natureza das pessoas comuns, "não terminou de dizer o que tinha a dizer – ou melhor, a escutar, já que essa era talvez sua maior virtude", afirmou João Moreira Salles.

A edição do material bruto – 32 horas de conversas gravadas – ficou nas mãos de Salles, produtor, e Jordana Berg, montadora. Eram parceiros de Coutinho desde 2000 e, com a morte do documentarista, concluíram seu último filme, que estreou em maio nos cinemas e também deverá ser lançado em DVD. Para assistir ao trailer do documentário *Últimas conversas* acesse <www.ims.com.br/ims/visite/programacao/ultimas-conversas-de-eduardo-coutinho>.



Parceria



Coordenação
Técnica



Iniciativa



Ministério da
Educação

